

# Uma biblioteca verdadeiramente pública

A truly public library

VICTOR FLUSSER \*

Discute as duas dimensões fundamentais da biblioteca verdadeiramente pública — ou biblioteca-ação cultural. Dentro deste contexto preconiza a procura do contato com o não-público e a síntese dialética entre criação e mediação cultural. Apresenta os pontos em comum e as diferenças entre a biblioteca pública tradicional e a biblioteca-ação cultural.

O desenvolvimento do espírito individualista burguês modificou de maneira significativa, por um lado, a relação do homem com a cultura (entendida aqui como o conjunto de objetos artísticos) e do outro a relação do criador com o seu público. Se na Idade Média a criação artística tinha uma utilidade social globalmente aceita, era um bem simbólico, pertencia ao domínio público, com a Renascença, ela tende a ser uma fruição individual e um bem econômico. Se na Idade Média a criação artística era orientada para o povo, na Renascença ela começa a se voltar para um público.<sup>1</sup> Esta modificação de povo em público é o

---

\* Animador Cultural.

1. A noção de público é ambígua na medida que ela significa por um lado «participante ativo da res-pública», e por outro, um «grupo de pessoas consumidoras de um objeto cultural».

início de um processo de distanciamento entre alguns grupos sociais e a cultura, esse processo se acelerando pouco a pouco até chegar a uma ruptura, que criará de um lado um público efetivo ou potencial, do fenômeno cultural, e do outro um público deixado de lado. Chame-mos este público que não o é mais, de **não público**, o qual é definido por Francis Jeanson como sendo «a grande maioria da população: todos aqueles a quem a sociedade quase não fornece (ou recusa) os meios para optar livremente.»<sup>2</sup>

A diferença entre público (mesmo em estado potencial) e não-público é fundamental. Se no nosso sistema cultural o público potencial pode vir a ser público efetivo, o não-público não o será jamais. Se, graças a uma maior difusão, uma redução de preços, uma descentralização cultural, se, enfim, graças a uma política de democratização cultural, conseguir-se transformar o público potencial em público efetivo, o não público não será transformado. Este continuará a ser marginalizado e esquecido. Para que uma Biblioteca Pública possa vir a ser plenamente pública é necessário que ela se volte para o não-público. Associe-mo-nos a F. Jeanson quando ele diz: «O que nós reivindicamos é que o não-público possa romper com o seu isolamento atual, sair do gueto situando-se de maneira cada vez mais consciente no contexto social e histórico, liberando-se sempre mais das mistificações que tendem a fazê-lo cúmplice das situações reais que lhe são infligidas.»<sup>3</sup>

É portanto necessário romper com o isolamento do não-público, isolamento este não circunstancial, mas essencial. A cultura na sua pluralidade de expressão não lhe diz respeito. Não se estabelece entre o não-público e a

---

2 in «L'action culturelle dans la cité». Paris, Editions du Seuil, 1973, p. 30.

3 Idem p. 30.

cultura um diálogo; por um lado o não-público não «compreende» (não faz sentido para ele) a «palavra» da cultura, e por outro, ele não tem possibilidades de formular a sua «cultura-palavra» (que faria sentido para ele). A cultura do não-público é cultura do silêncio, e como diz Paulo Freyre «somente quando as classes e grupos dominados, o Terceiro Mundo do Terceiro, transformam revolucionariamente as suas estruturas é que se faz possível realmente à sociedade dependente dizer a sua palavra. É através desta transformação radical que se pode superar a cultura do silêncio.»<sup>4</sup>

A biblioteca verdadeiramente pública é a transformação estrutural da biblioteca tal como existente hoje, em uma que participe do processo de dar a palavra ao não público. Dizer a sua palavra é «um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, num sentido verdadeiro é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar».<sup>5</sup> Ao dar a palavra, a biblioteca verdadeiramente pública responde à aspiração fundamental de igualdade, pois «só a língua dá a igualdade. Um igual é aquele que sabe exprimir-se e compreender a expressão dos outros.»<sup>6</sup> É necessário que a biblioteca verdadeiramente pública e o não-público «falem a mesma língua» e que o fosso cultural que separa o não-público da cultura seja superado.

De que maneira a biblioteca pode entrar em contato com o não-público? Como poderá se estabelecer uma lin-

---

4. in «Acção cultural para a libertação» Lisboa, Moraes Editores, 1977. p. 100

5. PAULO FREYRE, in op. cit. p. 69 Nós poderíamos dizer o mesmo de outra maneira: «Através da palavra eu reconheço que o meu interlocutor pertence ao mesmo universo que eu. A palavra é não somente criativa, ela é também a fonte de toda a dignidade humana. Falar ao outro em vez de lhe bater é considerá-lo como meu igual, é tratá-lo como sujeito.» JOSY EISENBERG in: «La Bible Couverte 1»

6. Rapazes da escola de Barbiana «Cartas a uma professora» Lisboa, Editorial Presença, 1977. p. 112

guagem comum entre eles? Uma resposta nos é dada pelo método de alfabetização de Paulo Freyre. Através de discussões com o não-público, palavras geradoras são estabelecidas (temas e conceitos de base da realidade do não-público, que fazem sentido para ele por serem elementos vivos de sua visão do mundo) que após servirem de assunto de discussão e análise, são escritas e divididas em sílabas. Ao nível de uma política cultural libertadora (que libera o não-público de seu silêncio) da qual a biblioteca pública é parte ativa — um trabalho análogo é necessário. Através do conhecimento da realidade do não-público — no caso da biblioteca a realidade literária com todas as suas implicações — um contato íntimo deverá ser estabelecido entre estes parceiros da ação cultural. F. Jeanson diz a este respeito: «Deve-se encontrar as pessoas lá onde elas estão e trabalhar com elas: a ação cultural é antes de mais nada uma pesquisa ativa junto às populações enfocadas. Pois devem ser experimentados os métodos a fim de criar, passo a passo, uma linguagem comum; deve-se encontrar cada vez mais realmente aqueles aos quais se pretende endereçar.»<sup>7</sup>

Vimos até agora que uma biblioteca verdadeiramente pública deve entrar em contato com o não-público, para que este, na relação que se estabelecerá, tenha a possibilidade de formular a sua palavra. Isto porém não significa que a biblioteca tenha somente uma função criativa, de suscitar a palavra. Todo o processo de ação cultural engloba também a dimensão de mediação e neste sentido a biblioteca reencontra sua prática primeira a de ser um «depósito da herança cultural». Devemos porém estar atentos ao caráter de mediação da herança cultural. Distingamos rapidamente duas maneiras de assimilar a he-

---

7. In «Intervenir» Revista da Maison de la Culture de Chalon sur Saône, 1969.

rança cultural: ativamente ou de modo passivo. F. Jean-son diz que «existem de modo geral duas maneiras de receber. O buraco recebe a bola de golfe quando o jogador consegue enviá-la: é um objeto que se encontra em contato com um outro objeto. Pode-se porém também retomar por conta própria aquilo que se herdou e dar-lhe um sentido novo, a partir de preocupações diferentes, e em um contexto diferente. Conforme esse segundo sentido, receber pode consistir em tirar partido daquilo que se recebe para exercer uma ação prática sobre a realidade presente do mundo humano.»<sup>8</sup> (Encontramos a mesma análise da assimilação passiva da herança cultural em Paulo Freyre, quando ele fala da «educação bancária» como uma educação de domesticação). Uma biblioteca verdadeiramente pública deve desenvolver atividades que possibilitem um acesso crítico à herança cultural.

Por razões metodológicas apresentamos as dimensões criativas e mediativas da biblioteca pública como sendo atividades distintas ou paralelas. Isto porém não é o caso. Participando de um projeto de ação cultural libertadora, a biblioteca pública funde dialeticamente estas duas dimensões. «A ação cultural, diz Camille Roy, se serve dos meios de difusão (indispensáveis, sem os quais ela se asfixia) mas ela deve ser considerada como uma criação, ela é o fato de um criador, ou melhor, de um pequeno grupo de criadores agindo em uma região geográfica voluntariamente restrita, mas agindo de maneira durável...»<sup>9</sup> (Talvez possa parecer bizarro falarmos de criadores ao referirmo-nos aos bibliotecários; acreditamos porém que o bibliotecário de uma biblioteca verdadeiramente pública será um criador de uma nova biblioteconomia).

---

8 in op. cit. p. 31.

9 in «Considérations sur le problème culture musicale» p. 3.

Propusemos até agora neste artigo as duas dimensões fundamentais da biblioteca verdadeiramente pública (que podemos chamar também de biblioteca-ação cultural), a saber, a procura do contato com o não-público e a síntese dialética entre criação e mediação cultural.

Vejamos agora de forma esquemática os pontos em comum e as diferenças entre a biblioteca pública tradicional (a) e a biblioteca-ação cultural (b):

- I a — Tradicionalmente a biblioteca é lugar de livros. Isto é, lugar de informações; arquivo de cultura; museu. Sua função é a de oferecer informações, um acervo cultural, **para** um grupo de pessoas. A biblioteca é fonte de literatura na qual uma população sedenta de cultura (público efetivo e potencial) vem se desalterar.
- I b — A biblioteca-ação cultural também tem livros, também é lugar de informações. Porém a nova biblioteca não oferece esta «cultura do passado» **para** uma população, mas em uma ação **com** esta população analisa criticamente esta herança cultural. Parafraseando Goethe, diríamos que ela conquista o passado cultural, para poder possuí-lo, conquista que se realiza através da relação dialógica entre o «aqui-agora» da população em questão e a obra do passado.
- II a — Na biblioteca tradicional todos livros «já estão escritos».
- II b — Na biblioteca-ação cultural a dimensão criativa é presente da maneira primordial, e «grande parte dos livros ainda não estão escritos» mas o serão pelo não-público que então terá a sua palavra.
- III a — A biblioteca tradicional é implantada em uma realidade determinada. Ela é algo de fora colocado

dentro de um organismo. E, como tudo que é implantado, a biblioteca está sujeita à rejeição (uma biblioteca vazia e sem leitores).

- III b — A biblioteca-ação cultural não é implantada, mas surge de um processo de emergência cultural.<sup>10</sup> Vindo «de dentro», ela não corre o risco de ser rejeitada pois ela responderá às reais aspirações de sua comunidade. Não será mais uma biblioteca **para** uma comunidade, mas uma biblioteca **da** comunidade.
- IV a — O agente da biblioteca tradicional, o bibliotecário, está à disposição de um grupo de pessoas para ajudá-las e orientá-las no manuseio de livros e outras formas de cultura literária. Embora esta função seja da maior importância, ela não é suficiente em uma biblioteca-ação cultural.
- IV b — O agente desta nova biblioteca, o animador-bibliotecário, não está à disposição da comunidade mas faz parte dela. Crescendo juntos, bibliotecário (enquanto profissional) e população, eles criarão a estrutura e as características da nova biblioteca. Ser bibliotecário em uma biblioteca verdadeiramente pública é desenvolver de uma maneira política a sua profissão.

Concluindo diríamos ainda que uma biblioteca verdadeiramente pública que desenvolve com um não-público as dimensões de criação e mediação de forma integrada, não deverá se restringir somente à cultura literária. **Sua vocação é a de vir a ser o centro cultural de sua comunidade e um instrumento de libertação**

---

10. Opomos à idéia de emergência cultural que é um movimento ascendente, a idéia de manipulação cultural que é um movimento descendente.

Discusses the two main dimensions of a truly public library — or library with a «cultural action» function. Recommends a search for contact with the nonusers and the dialectic synthesis between creation and cultural mediation. Presents the common points and the differences between the traditional public library and the library with a «cultural action» function.